

CORREIO ECONÔMICO

Jonathan-Campos AEN



Queda dos juros foi fundamental no avanço industrial

Indústria nacional avança para 40º lugar em ranking mundial

Mesmo às voltas com juros proibitivos, que empacam financiamentos, por um lado, a concorrência desleal por 'dumping' (preços abaixo dos custos de produção) - como o praticado pela China - a indústria nacional avança no cenário internacional.

É o que mostra levantamento do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) e da Unido, em que o Brasil

saltou da 70ª colocação, um ano antes, para a 40ª do ranking mundial de crescimento da produção, que abrange 116 países.

O resultado espetacular decorre, entre outros fatores, do crescimento de 2,9% da produção da indústria de transformação no segundo trimestre (2T24), que reflete o impacto positivo do corte da taxa de juros (Selic) sobre o setor.

Consumo sobe

Ao comentar o maior dinamismo do setor, devido à flexibilização monetária aplicada pelo BC, o economista-chefe do Iedi, Rafael Cagnin, observou que a baixa dos juros básicos (Selic) contribuiu para facilitar o acesso ao crédito e favoreceu o consumo de bens duráveis.

Avanços

Ao comentar a contribuição do segmento de bens duráveis para o resultado, Cagnin apontou outros fatores, como avanços no mercado de trabalho e da renda, acomodação da inflação, reajuste do mínimo e ampliação do Bolsa Família, além do pagamento de precatórios".

Divulgação site Canaltech



Expansão do consumo das famílias é fator central

Pequenas e Médias Empresas (PMEs) devem crescer 6,4%

O momento favorável da atividade econômica nacional, sob o impulso do forte consumo das famílias, é o fator determinante para a previsão de crescimento de 6,4% das pequenas e médias empresas (PMEs) em 2024, no comparativo anual.

Indicativo de tal tendência, no terceiro trimestre (3T24), o segmento

faturou R\$ 50 milhões, um aumento de 8,6%, no comparativo anual, referente à movimentação financeira real (descontada a inflação). No que toca ao trimestre imediatamente anterior (2T24), a expansão foi de 3,4%, de acordo com dados do Índice Omie de Desempenho Econômico das PMEs (IO-DE-PMES).

Perspectiva

Apesar do recuo anual de 19% no número de empregamentos, de janeiro a setembro deste ano, o mercado de motos elétricas pode crescer nos próximos anos, a reboque da descarbonização do transporte urbano de mercadorias, segundo a Fenabrave.

Insegurança

Para o dono da EcoPower, Anderson Oliveira, "o maior desafio do varejo é a insegurança do cliente sobre a continuidade das marcas, por isso pensamos em montar no Brasil". A EcoPower quer se associar à Horwin para montar motocicletas à bateria em Barretos (SP).

Desaceleração

Uma leve desaceleração. É o que apresentou o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S), ao subir 0,37% na 3ª quadrimestral de outubro, abaixo da variação de 0,51%, na leitura anterior, conforme divulgou, nessa quarta-feira (23), a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Freio

Para a 'freada' do indicador, contribuíram itens como: passagem aérea (0,99% para -2,41%), tarifa de eletricidade residencial (5,93% para 5,33%), cigarros (4,48% para 2,57%), roupas masculinas (-0,07% para -0,60%) e serviços de cuidados pessoais (0,32% para 0,14%)

Após elevar PIB do país, FMI admite piora da dívida

Ao contrário do governo, Monitor Fiscal vê equilíbrio fiscal só em 2027

Divulgação site Icleb

Por Marcello Sigwalt

Um dia após elevar, de 2,1%, no relatório de julho, para 3%, deste mês, a previsão de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) do país em 2024, o Monitor Fiscal do FMI (Fundo Monetário Internacional) piorou a projeção sobre o déficit primário e para a trajetória da dívida pública da economia tupiniquim nos próximos anos. Somente no ainda distante 2027 é que Pindorama poderá, quem sabe, atingir o decantado equilíbrio fiscal, mediante superávit primário.

Nos prognósticos do organismo, o país deve encerrar este ano com um déficit de 0,6% do PIB, pouco menor que o de 0,5% do PIB, anterior. Para 2025, tal déficit apresentou deterioração, ao passar de 0,3% do PIB, em abril, para 0,7% do PIB, enquanto que para 2026, o esperado déficit zero, mediante equilíbrio nas contas públicas, caiu para 0,6% do PIB. Pelo novo entendimento do Fundo, a situação fiscal, assim, só melhoraria em 2027.



FMI projeta agravamento da dívida pública brasileira, ao menos, até 2027

Já a estimativa para a dívida bruta do país, igualmente, agravou-se, ao crescer de 86,7% do PIB para 87,6% do PIB, este ano, e de 89,3% do PIB para 92% do PIB. A 'toada' crescente do endividamento pátrio deve atingir 97,6% do PIB, em 2029, o que corresponde à uma alta de 3,7 pontos percentuais, ante à estimativa de abril último.

mativa de abril último.

No que toca às economias emergentes, o Fundo admite que, pelo lado das receitas, há um potencial de aumento de impostos indiretos, otimização de isenções fiscais e a ampliação de bases tributárias. Pelo de despesas, o organismo entende ser preciso adotar esforços para otimizar

folhas de pagamento, reduzir a fragmentação de programas de segurança social e eliminar subsídios a combustíveis.

O FMI avalia que "os governos precisam de planos fiscais sérios, estruturados dentro de quadros fiscais críveis e divulgados de forma clara, para reduzir a incerteza em relação à política fiscal".

Varejo e serviços apresentam propostas

Um grupo de 21 entidades dos setores de varejo e serviços lançará, após o segundo turno das eleições municipais, uma coalizão de mobilização permanente para criar um ambiente favorável, no Congresso e na sociedade civil organizada, à aprovação da reforma administrativa. A agenda conta com 14 propostas de medidas, antecipadas à Folha, para a reestruturação do RH do setor público.

A mobilização pega carona

na pauta da equipe econômica do governo, que incluiu a aprovação do projeto que restringe os supersalários no funcionalismo público na lista de medidas de corte de gastos que foram apresentadas ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A previsão é que essas medidas sejam lançadas também depois do segundo turno.

As sugestões vão desde mudanças na regulamentação do estágio probatório, intro-

dução de sistemas de avaliação com indicadores predefinidos, regulamentação de demissão por baixo desempenho à garantia de estabilidade apenas em carreiras públicas efetivamente ameaçadas de perseguição política. As mudanças valeriam para entranças no serviço público.

A estratégia dos organizadores do movimento é para colocar algumas propostas em projetos de lei que já estão em

tramitação no Congresso. Entre eles, o próprio projeto dos supersalários, de 2016, e outro de 2019 que disciplina o procedimento de avaliação periódica de desempenho de servidores públicos estáveis das administrações diretas, autárquicas e fundacionais da União, estados e municípios. O braço da mobilização política é a Frente Parlamentar do Livre Mercado, que conta com cerca de 100 parlamentares.

Aversão global derruba o Ibovespa

Divulgação site Media Tehrantimes

O Ibovespa fechou em queda nesta quarta-feira (23), renovando mínimas desde agosto pressionado pelo movimento de aversão a risco global, enquanto IRB(Re) (IRBR3) saltou 12% após resultado mensal mostrar lucro líquido de 29 milhões de reais em agosto.

Índice de referência do mercado acionário brasileiro, o Ibovespa caiu 0,55%, a 129.233,11 pontos, tendo marcado 128.589,13 pontos no pior momento e 129.949,2 pontos na máxima do dia.

O volume financeiro somou 17,6 bilhões de reais, mais uma vez abaixo da média diária do ano.

De acordo com o analista-chefe da Levante Inside Corp, Eduardo Rahal, no exterior, o sentimento de aversão a risco reflete, em parte, incerteza sobre a continuidade e o ritmo de cortes de juros nos Estados Unidos.



Aversão ao risco e fala de diretor do BC derrubam bolsa

Além disso, o desfecho da corrida eleitoral nos EUA, que está em sua reta final, segue em aberto, acrescentou, referindo-se à disputa entre o ex-presidente republicano Donald Trump e a vice-presidente democrata, Kamala Harris, pela Casa Branca.

Em Wall Street, o S&P 500, uma das referências do mercado acionário norte-americano, fechou em baixa de 0,92%, minado pela alta nos rendimentos dos títulos do Tesouro dos EUA e com balanços também ocupando as atenções.

Na visão do gestor de ren-

da variável da Western Asset Naoio Ino, embora as pesquisas ainda mostrem uma disputa apertada na eleição presidencial nos EUA, começa a se observar uma preocupação maior de uma eventual vitória de Trump.

Uma das preocupações no mercado relacionadas ao ex-presidente norte-americano é de políticas com potencial inflacionário, uma vez que ele defende cortes de impostos e tarifas de importação.

A queda de commodities como o minério de ferro e o petróleo, afetadas também pelo ceticismo com a recuperação da economia da China, reforçaram a pressão negativa sobre o Ibovespa, uma vez que tendem a afetar as blue chips Vale (VALE3) e Petrobras (PETR4).

No Brasil, em paralelo, permanece o desconforto com a dinâmica das contas públicas, pelo alto grau de incerteza.

Fala do BC 'turbina' alta de futuros

Os juros futuros subiram nesta quarta-feira, 23, conduzidos por série de fatores internos e externos que encorajaram os investidores a apostar num cenário ainda mais negativo para o Brasil.

O avanço do rendimento dos Treasuries somado a declarações do diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Paulo Picchetti, mais o avanço global do dólar, formaram um combo a empurrar as

taxas ainda mais para cima.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 terminou em 12,76%, de 12,71% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2027 subiu de 12,88% para 12,96%. O DI para janeiro de 2029 terminou com taxa de 12,97% (de 12,89%), tendo tocado na máxima do dia o nível de 13,00%.

As máximas foram atingidas entre o fim da manhã e o come-

ço da tarde, durante o discurso de Picchetti, que é considerado de perfil mais moderado dentro do Comitê de Política Monetária (Copom). "Picchetti, que normalmente não é muito pessimista, veio com discurso ruim. O mercado piorou desde a fala dele e não parou mais", disse um trader.

Em encontro com investidores em Washington, o diretor apontou preocupações com a permanência dos núcleos de

inflação acima da meta e com o aperto do mercado de trabalho, afirmando ainda que a projeção do BC de IPCA em 3,5% no horizonte relevante não permite considerar que a inflação está em torno da meta central, de 3%. Ele disse que o BC observa "cuidadosamente" os desenvolvimentos da política fiscal - motivo de parte da desancoragem das expectativas de inflação - e serão considerados nesta definição.